

Formato: Atas de Congresso

Fátima Ferreira

fatimaabreuferreira@hotmail.com

Paula Martins

pcmartins@psi.uminho.pt

Rui Gonçalves

r brunhosa@psi.uminho.pt

**VITIMIZAÇÃO ONLINE - A EFICÁCIA DAS ESTRATÉGIAS DE SUPERVISÃO PARENTAL NA
DIMINUIÇÃO DA EXPOSIÇÃO AOS RISCOS ONLINE**

I Congresso Internacional de Parentalidade

Instituto Português de Neuropsicologia, Porto; 9 e 10 de Março de 2012

Idioma: Português

**VITIMIZAÇÃO ONLINE - A EFICÁCIA DAS ESTRATÉGIAS DE SUPERVISÃO PARENTAL NA
DIMINUIÇÃO DA EXPOSIÇÃO AOS RISCOS ONLINE**

Resumo:

Na actual realidade social, as novas tecnologias, particularmente a Internet, constituem já parte integrante da vida quotidiana dos adolescentes, revelando-se como importantes recursos educativos, de informação e comunicação. Não obstante, também criam um ambiente pouco regulamentado que os pode expor a uma multiplicidade de riscos: *cyberbullying*, solicitações sexuais, *cyberstalking*, etc. Neste âmbito, a supervisão parental desempenha um papel crucial como factor atenuante desta exposição, pelo que a presente investigação atende ao principal objectivo de avaliar a eficácia das estratégias de supervisão parental na diminuição da exposição aos riscos *online*. Para atingir os nossos objectivos, desenvolvemos um questionário (Avaliação de Vitimização Online), constituído por 78 itens que avaliam características sociodemográficas, comportamentos *online*, supervisão parental e regras acerca das actividades *online*, bem como os riscos mencionados. Este questionário foi aplicado a uma amostra de 986 jovens dos 10 aos 18 anos em Portugal, 756 em Espanha e 823 no Reino Unido. Os resultados desta aplicação parecem indicar que as estratégias de supervisão parental relacionadas com *software* de protecção não se revelam como as mais eficazes na diminuição da exposição dos jovens aos riscos *online*, especialmente nas situações em que as actividades *online* detêm um efeito de socialização e de exploração de papéis sociais, facto que nos obriga a reflectir sobre as referidas estratégias no sentido de suscitar intervenções apropriadas destinadas a promover boas práticas de monitorização online e, simultaneamente, encontrar um equilíbrio entre a supervisão parental e a privacidade do adolescente.

Palavras chave – Riscos Online; supervisão parental, Internet, privacidade

ONLINE VICTIMIZATION – PARENTAL SUPERVISION STRATEGIES EFICACY ON DIMINISHING ONLINE RISKS EXPOSURE

Abstract:

Nowadays, new technologies, particularly the Internet, are now a part of youngsters' everyday lives, revealing themselves as valuable educational, information and communication resources. Nevertheless, they also create an unregulated environment that exposes them to a variety of online risks: cyberbullying, sexual solicitations, cyberstalking, etc. In this topic, parental supervision plays a determinant role as a possible attenuating factor of this exposure, making the primary objective of this investigation, the evaluation of parental supervision strategies efficacy on diminishing online risk exposure. To achieve our goals, we have developed a questionnaire (Online Victimization Assessment) consisted by 78 items that evaluate sociodemographic characteristics, online behaviors, parental supervision and rules about online activities, as well as exposure to the previously mentioned risks. This questionnaire was applied to a sample of 986 youngsters from ten to eighteen years old, from Portugal, 756 from Spain and the 823 from the United Kingdom. The achieved results seem to indicate that the parental supervision strategies related to software protection, do not reveal themselves very effective on diminishing the risk exposure, especially concerning online activities that serve the purpose of socialization and social roles exploration. This fact requires a reflection about these strategies in order to promote appropriate interventions that can both encourage good practices of online supervision and protect the adolescents' privacy.

Keywords: Online Risks; parental supervision, Internet, privacy

Introdução

Nos últimos anos, as novas tecnologias, particularmente a internet, têm vindo a construir-se num novo e excitante território para uma grande parte dos jovens, encontrando-se já intrincado nas suas rotinas diárias e permitindo-lhes a expansão dos seus círculos relacionais e melhoria das suas aptidões sociais, intelectuais e comunicativas (Finkelhor, Mitchell & Wolak, 2000).

Na verdade, actualmente, torna-se já difícil imaginar o quotidiano dos jovens sem novas tecnologias como a Internet, telemóveis e jogos de computadores – já para não falar em meios tecnológicos mais familiares como sendo a televisão. É a denominada geração “*online*” em que todos se encontram “*ligados à rede*” (Thurlow & McKay, 2003).

É um facto indubitável que o contacto com esta nova vertente tecnológica lhes proporciona novos horizontes, perspectivas, desafios e oportunidades, no entanto, também os coloca numa plataforma de novos riscos e problemas (Monteiro & Gomes, 2009), originando várias inquietações sociais relacionadas com a sua privacidade e segurança (Greenfield & Yan, 2006). É o binómio indissociável que caracteriza a nova sociedade digital e o acesso às novas tecnologias – se, por um lado, os jovens que mais contactam com as novas tecnologias são aqueles que maior partido delas tiram no sentido da exploração das suas diferentes oportunidades, por outro, são também aqueles que protagonizam mais situações de confronto com potenciais riscos e situações danosas com as quais têm que aprender a lidar, muitas vezes, de forma autónoma e sem deterem as competências maturacionais para o fazer (Livingstone & Helsper, 2008). Por conseguinte, esta componente do acesso fácil, autónomo e debilmente mediado dos jovens às novas tecnologias subleva uma série de questões que urge analisar, nomeadamente ao nível da mediação parental – tarefa a que nos propomos na presente investigação.

Mediação parental

Perante esta premissa da dualidade da utilização das novas tecnologias, são os pais que detêm o privilégio de um contacto mais direto com a forma como os jovens utilizam estes dispositivos e qual a utilização que deles fazem e, portanto, desempenham um dos papéis principais na batalha pela promoção das vantagens sociais e educacionais das novas tecnologias em detrimento dos efeitos negativos gerados pelos conteúdos ou contactos inerentes à sua utilização (Nathanson, Eveland, Park, & Paul, 2002).

Livingstone, Haddon Gorzig e Ólafsson (2011) propõem uma das classificações pioneiras na área da mediação das novas tecnologias, mais particularmente da Internet, referindo que, de uma forma geral, existem cinco grandes tipos de mediação parental:

- *A mediação ativa da utilização que a criança faz da Internet* – o cuidador encontra-se presente, perto do jovem, conversando com ela sobre as atividades que ela desenvolve *online*;
- *A mediação ativa da segurança da criança* – o cuidador orienta a criança nas suas atividades para que ela possa navegar de uma forma segura, ajudando-a ou discutindo o que fazer em casos de dificuldades;
- *Mediação Restritiva* – reporta-se à imposição de regras que restringem as atividades *online* do jovem (não utilizar certas aplicações, não usar a Internet para determinadas atividades, não deixar fornecer informação pessoal);
- *Monitorização* – o cuidador confere o histórico de navegação após a utilização da criança;
- *Mediação Técnica* – utilização de *software* ou controlos parentais para filtrar, restringir ou monitorizar a utilização que a criança faz da Internet.

No que concerne à eficácia dos mencionados tipos de mediação parental, a literatura científica começa, atualmente, a dar os primeiros passos, pelo que a presente investigação constitui num humilde contributo para esta área

Metodologia

Com base a revisão teórica efetuada, desenvolvemos um estudo de carácter exploratório, procurando responder às seguintes questões de investigação:

1 – Quais as estratégias de mediação mais comumente utilizadas pelos pais

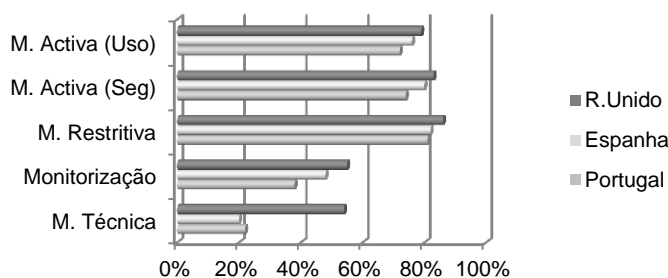
2 – Quais as estratégias de mediação mais eficazes na diminuição da exposição aos riscos.

Para atingir os nossos objetivos, desenvolvemos o Questionário de Avaliação de Vitimização *Online*, constituído por 78 itens que avaliam características sociodemográficas, atividades desenvolvidas *online*, estratégias de mediação parental e exposição e impacto de seis diferentes tipos de riscos *online* – *cyberbullying*, *cyberstalking*, solicitações sexuais, fornecimento de informação pessoal, acesso a *sites* de conteúdo inapropriado e riscos comerciais. Este questionário foi aplicado a uma amostra de jovens entre os dez e os dezoito anos, seleccionados aleatoriamente de escolas públicas e privadas de Portugal (986 jovens), Espanha (756) e Reino Unido (823).

Resultados

Os resultados permitem-nos verificar que, não havendo diferenças significativas entre os países, a mediação restritiva é o tipo de mediação mais utilizada nas três realidades (PT=81%; ES=82% e RU=86%). Não obstante, com valores muito próximos, encontramos a utilização de técnicas de mediação ativa relativas à segurança (PT=74%; ES=80% e RU=83%) e utilização (PT=72%; ES=76% e RU=79%). A monitorização e mediação técnica são os tipos de mediação parental que apresentam valores mais baixos, no entanto, importante será de referir que no Reino Unido a utilização deste tipo de mediação ainda é feita por mais de metade dos cuidadores (mediação técnica - PT=22%; ES=20% e RU=54%; monitorização PT=38%; ES=48% e RU=55%).

Gráfico 1 – Tipos de Mediação Parental utilizados



Verificamos igualmente que técnicas de mediação ativa relacionadas com a segurança são maioritariamente utilizadas com jovens do sexo feminino entre os dez e os catorze anos, o mesmo se aplicando às técnicas de mediação ativa relacionadas com a utilização, mas com a faixa etária a estender-se aos dezasseis anos. Relativamente à mediação restritiva, constatamos que os jovens do sexo masculino, entre os dez e os dezasseis anos têm mais regras acerca do tempo que passam na Internet, mas no que concerne às regras relativas a conteúdos e interações sociais, são as jovens do sexo feminino entre os dez e os dezasseis anos a quem mais regras são impostas. Neste âmbito será de ressaltar que no que concerne à utilização da mediação técnica, os números reduzem drasticamente na faixa etária dos dezasseis aos dezoito anos.

No que concerne à nossa segunda questão de investigação, diretamente relacionada com a eficácia das estratégias de mediação parental, constatamos que os três tipos de mediação parental mais utilizados pelos três países em análise são aqueles que estão mais positivamente correlacionados com a diminuição da exposição ao risco, por oposição à monitorização e mediação técnica que parecem apresentar um menor efeito na exposição ao risco. Ainda neste âmbito, e relativamente ao impacto da vitimização *online*, foi-nos possível verificar que, em situações em que a exposição não foi possível passível de prevenção, os jovens que reportaram que as suas atividades *online* eram mediadas por estratégias relacionadas com estes três tipos de mediação parental, sentiram-se mais confortáveis em revelar o que lhes havia acontecido e, em conjunto com os cuidadores, encontrar formas de solucionar e ultrapassar o sucedido.

Conclusões

No que concerne à utilização das novas tecnologias, atualmente os cuidadores enfrentam inúmeros desafios. Entre eles podemos referir a proliferação dos *media* em casa, particularmente nos quartos dos jovens – facto que dificulta a utilização de estratégias de mediação ativa e mesmo restritiva -, bem como a crescente complexidade das tecnologias de comunicação e informação. A verdade é que a info-inclusão

veio efetivamente dotar os lares e as escolas do acesso às referidas novas tecnologias (numa perspetiva estática e estatística); não obstante, não dotou os cuidadores das proficiências necessárias a uma mediação adequada das consequências deste acesso generalizado, favorecendo que a mediação parental seja feita de uma forma mais intuitiva do que propriamente educada.

Talvez por esse motivo a utilização da mediação parental decresça nas idades mais velhas, com os pais sentido que a autonomia e responsabilidade destes jovens, já perto da idade adulta, seja suficiente para colmatar a exposição os riscos.

No entanto, e apesar destas dificuldades, podemos concluir que a maioria dos pais utiliza os tipos de mediação parental que a literatura científica aponta como mais eficazes, o que, de alguma forma contraria estudos desenvolvidos em anos precedentes e que apontavam para um fosso digital entre gerações, com os pais intensamente iletrados nesta área e, por conseguinte, incapazes de uma mediação eficaz de uma realidade que desconheciam.

Referências Bibliográficas:

- Finkelhor, D., Mitchell, K., & Wolak, J. (2000). Online Victimization: A report on the Nation's Youth.
- Monteiro, A. & Gomes, M., J. (2009). Comportamentos de Risco na Internet por parte de jovens portugueses: um estudo exploratório.
- Greenfield, P. & Yan, Z. (2006). Children, adolescents, and the Internet: A new field of inquiry in developmental psychology. *Journal of Applied Developmental Psychology*, 42 (3), 391-394
- Livingstone, Sonia and Helsper, Ellen (2008) Parental mediation and children's Internet use. *Journal of broadcasting & electronic media*, 52 (4). pp. 581-599. ISSN 0883-8151
- Livingstone, S., Haddon, L., Görzig, A., & Ólafsson, K. (2011). Risks and safety on the Internet: The perspective of European children. Full Findings. LSE, London: EU Kids Online.
- Nathanson, A. I., Eveland, W. P., Park, H. S., & Paul, B. (2002). Perceived media influence and efficacy as predictors of caregivers' protective behaviors. *Journal of Broadcasting & Electronic Media*, 46, 385—410.
- Thurlow, C., McKay, S., 2003, Profiling 'new' communication technologies in adolescence, *Journal of Language and Social Psychology*, 22(1), 94-103